



Reflexões sobre as matriarcas de *Rumo ao farol*, de Virginia Woolf, e *No exílio*, de Elisa Lispector

Reflections on the Matriarchs of *Ride to the Lighthouse* by Virginia Woolf, and *No exílio* by Elisa Lispector

Giselle Razera*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre, Brasil
gisellerazera@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, apresenta-se um cotejo entre a Sra. Ramsay, de *Rumo ao farol*, de Virginia Woolf, e Marim Lispector, de *No exílio*, de Elisa Lispector. Nesta análise, privilegiou-se observar as interferências de um conflito no cotidiano de mulheres europeias nas primeiras décadas do século XX, levando em conta o papel social reservado ao gênero feminino naquele contexto.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Elisa Lispector. Exílio.

Abstract: In this article, we present an observation favoring a comparison between Mrs. Ramsay, from *To the Lighthouse* by Virginia Woolf, and Marim Lispector, from *In Exile*, by Elisa Lispector. In this analysis, it was preferred to observe the interferences of a conflict in the daily life of European women in the first decades of the twentieth century, taking into account the social role reserved for the female gender in that context.

Keywords: Virginia Woolf. Elisa Lispector. Exile.

1 Uma viagem para o descanso

Rumo ao farol (*To the Lighthouse*) é um romance publicado em 1927 por Virginia Woolf. A narrativa é centrada na família Ramsay e compreende o período que vai de 1910 a 1920. A trama se passa na Ilha de Skye, Escócia, em uma casa de veraneio. Nesse lugar, é possível avistar um farol, local que os Ramsay costumam visitar quando as condições climáticas permitem.

A família é composta pelos Sr. e Sra. Ramsay. Ele é professor de Filosofia e ela é dona de casa. O casal tem oito filhos e, além dos entes consanguíneos, em suas temporadas de descanso na casa litorânea, eles contam com a companhia de amigos, dentre os

* Doutora em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



quais se destacam James, Lili Briscoe, Charles Tansley, Paul Rayles e Minta Doyle. Ao grupo, agregam-se empregados.

O recurso usado por Woolf para dar voz às personagens é o fluxo da consciência. Essa técnica permite que pensamentos que se realizam no interior das personagens emerjam, o que também pode ser visto em figuras que não participam da cena em andamento.¹ Com essa estratégia, a autora cede espaço a uma diversidade de eventos, os quais são desvelados pelos pensamentos dos participantes da história, avolumando a narrativa, apesar de a trama contar com um número reduzido de episódios.

O romance se inicia com a afirmação da Sra. Ramsay a James, seu filho de seis anos, “É claro que amanhã fará um dia bonito. [...] Mas vocês terão de madrugar”.² Como se pode notar, a história é posta em marcha por intermédio de uma cena em movimento, sem qualquer seção introdutória, e as personagens, bem como os acontecimentos, são dispostas de acordo com a evolução dos episódios.

A referência da Sra. Ramsay às condições meteorológicas do dia seguinte é feita porque elas são um fator determinante para a concretização do passeio muito desejado por James, a ida ao farol. Contudo, apesar de a perspectiva materna ser positiva, as palavras do pai, “Mas o dia não ficará bom”,³ pessimistas e ditadas com rispidez, são mais certeiras, e a visita não se realiza.

Dos desdobramentos desse episódio, em que o encadeamento das informações evidencia a dicotomia entre a postura do Sr. e da Sra. Ramsay, sobretudo a propósito da sua relação com James, deriva a história contida no romance.

A obra é seccionada em três partes, apresentadas nesta ordem: A janela; O tempo passa; O farol. Na primeira, “A janela”, as personagens estão na casa de verão da família Ramsay. Além do casal, lá estão seus oito filhos, amigos e empregados. É nessa seção que a expectativa de James sobre a ida ao farol resulta em frustração e também que as afinidades e os conflitos entre as personagens são apresentadas.

Em “O tempo passa”, conforme o título sugere, ocorre a passagem de tempo – 10 anos. Nessa seção, o leitor acompanha os preparativos dos empregados na organização da casa de veraneio para receber a família Ramsay depois de uma década sem ser habitada.

Nessa ocasião, além ficar explícita a decadência do imóvel perante a ausência de hóspedes, o leitor toma ciência da morte da Sra. Ramsay em decorrência de uma doença, bem como do desaparecimento de dois de seus filhos, Andrew, vitimado em

¹ AUERBACH, 1971, p. 477.

² WOOLF, 2003, p. 7.

³ WOOLF, 2003, p. 8.



um combate na Primeira Guerra Mundial, e Prue, morta por causa de complicações gestacionais.

Na terceira e última parte, “O farol”, finalmente dá-se a chegada dos remanescentes da família Ramsay ao farol. Nesse episódio, além da realização do desejo guardado por James durante 10 anos, percebem-se sinais de reconciliação do rapaz com o seu pai, e ocorre o desfecho da trama.

2 Várias viagens pela sobrevivência

No exílio é um romance de Elisa Lispector, publicado em 1948, que conta a história da família Lispector. A cena inicial situa a protagonista Lizza em uma viagem de trem depois de uma estada em um sanatório para tratar uma crise de melancolia. Ao desembarcar, a personagem recebe a notícia da fundação do Estado de Israel, também em 1948,⁴ e suas lembranças são o ponto de partida da narração para abordar a migração de sua família da Europa à América do Sul.

Por meio de um *flashback*, o leitor acompanha fatos pretéritos dos Lispector, desde o processo de enlace dos pais, passando pelo nascimento das filhas, bem como pela transferência do grupo para o Brasil e, depois, pela sua fixação em três cidades brasileiras.

Neste trabalho, propõe-se uma leitura de *No exílio* considerando três blocos de acontecimentos. No primeiro, a família ainda vive na Europa e é forçada a migrar em decorrência da perseguição aos judeus empreendida pelos *pogroms* na Ucrânia. É nessa seção que o grupo se completa, pois pouco antes do embarque para o Brasil, já em meio à fuga, Marim dá à luz a Nina, a filha caçula.

O segundo bloco pode ser entendido como o curto período em que a família Lispector instala-se no Nordeste do Brasil. Finalmente, o terceiro bloco é o que compreende a fixação dos Lispector no Rio de Janeiro, lugar em que parecem aderirem-se de uma forma mais efetiva no país. É ali que as três meninas – Lizza, Esther e Nina – estudam, integrando-se à sociedade.

A perspectiva narrativa de *No exílio* varia, no entanto, privilegia a personagem Lizza. O romance abre e fecha com as suas observações e no seu olhar se apoia o desdobramento da trama.

De uma forma sintética, *No exílio* conta a história de cinco pessoas que saem da Europa fugindo das perseguições causadas pelo antissemitismo. Para se livrar do extermínio por causas étnicas, Pinkas e Marim aventuram-se partindo para um continente desconhecido, carregando as três filhas e o que lhes resta de saúde e de força de trabalho para reconstituir a vida. Longe da Europa, expiram, apartados dos seus referenciais, desenraizados. Porém, com a tranquilidade de quem conseguiu

⁴ WALDMAN, 2014, p. 11.



legar às descendentes um futuro mais distante da perseguição antissemita da qual foram vítimas.

3 Duas histórias, diferentes dilemas

Sob o aspecto das semelhanças, *Rumo ao farol* e *No exílio* são tramas que se desenrolam em torno da história de grupos familiares. Além disso, compartilham o fato de terem notáveis eventos históricos em seu pano de fundo. Por exemplo, no tempo do enredo, em ambas as narrativas, acontece a Primeira Guerra Mundial.

O tempo ficcional de *Rumo ao farol* compreende de 1910 até 1920, ao passo que, em *No exílio*, narram-se desde passagens envolvendo os primeiros pogroms na Ucrânia, em 1905,⁵ até a fundação do Estado de Israel, em 1948. Paralelo que concede ao tempo narrativo de ambas as obras parcial coexistência, contemporaneidade.

Outra característica que *Rumo ao farol* e *No exílio* compartilham é o componente autobiográfico. Na narrativa da autora inglesa, encontram-se muitas semelhanças entre aspectos do enredo em relação à história da família Woolf.

A começar pelo mais evidente, da mesma forma que o Sr. Ramsay, Leslie Stephen, pai da escritora, era um intelectual e costumava alugar uma casa para o descanso da família, de onde se podia avistar um farol. Além disso, ele também entrou em profunda melancolia após a morte da esposa. Ademais, consta que, igualmente ao que se passa com James na ficção, Adrian, irmão de Woolf, quando criança, experimentou o desapontamento de ter uma visita ao farol cancelada.⁶

Ao que tudo indica, na composição da Sra. Ramsay encontra-se a inspiração familiar mais explícita da trama criada por Virginia Woolf, que atribuiu à protagonista traços reconhecíveis na personalidade de sua mãe, Julia Stephen.

De acordo com a irmã da escritora, as semelhanças maternas com a Sra. Ramsay são tão contundentes que é como se ela retornasse à vida por meio da literatura: "*It is almost painful to have her so raised from the dead*".⁷

Para Quentil Bell, apesar de ter sido esboçada apenas com base em memórias da infância de Woolf, a Sra. Ramsay, enquanto representação de Julia Stephens, é bastante real e convincente.⁸

De outra parte, compreendido como um romance épico, *No exílio* também contempla um relato de matiz autobiográfico. O texto descreve a trajetória da família Lispector até se instalar no Brasil.⁹ A semelhança entre os acontecimentos narrados na ficção

⁵ WALDMAN, 2014, p. 11.

⁶ NICOLSON, 2000, s/p.

⁷ MERKIN, 2004, s/p.

⁸ BELL, 1988, p. 44.

⁹ WALDMAN, 2014, p. 10.



com os experimentados por Elisa Lispector fazem desse romance o mais autobiográfico entre as publicações da autora.¹⁰ Em certa medida, a obra exemplifica a história das inúmeras famílias de origem judaica forçadas a deixar suas terras natais para fugir do antissemitismo.

Do mesmo modo que se passa no texto, os Lispector, vitimados pela violência promovida pelos *pogroms*, foram humilhados, saqueados, cruzaram fronteiras em meio a levas de refugiados, carregando seus parques pertences e o pouco da esperança que lhes restava; atravessaram o Oceano Atlântico em um porão de navio, precisaram conviver com a doença da mãe da família, bem como com moléstias que lhes acometeram ao chegar ao Brasil, além de terem vivenciado um período conturbado e pouco produtivo no Nordeste brasileiro até a fixação final no Rio de Janeiro.

4 Duas mulheres, um papel social

Para este artigo, importa analisar as matriarcas das duas famílias, Sra. Ramsay e Marim Lispector. Se as narrativas das quais essas duas figuras foram pinçadas apresentam semelhanças, não é diferente com essas duas mães de família, o que tem relação, sobretudo, com o papel social da mulher no contexto em que ambas se encontravam.

As duas personagens, ainda que de gerações distintas, viveram na mesma época, e, nesta análise, estima-se uma diferença de idade entre elas variando entre 20 e 30 anos.¹¹ Tanto a britânica quanto a ucraniana nasceram na segunda metade do século XIX, estando, portanto, muito impregnadas pelos costumes daquela época. Por ser dessa forma, a ambas cabia o papel de esposas e mães, o que consistia em conservar uma estrutura doméstica em que seus filhos pudessem receber a melhor educação enquanto os seus maridos estavam fora de casa garantindo o provimento da família.

Nessa época, a divisão entre o domínio público e o domínio privado era ainda mais nítida e marcante do que na atualidade, o que significa dizer que aos homens estava reservada a esfera pública e às mulheres, a esfera privada. Cuidar das demandas domésticas era a sua ocupação, uma atividade de contrapartida ao sustento financeiro pelo marido,¹² e essa configuração contribuía para a manutenção da mulher em uma condição de inferioridade social perante o homem.

Assim:

O gênero, muito mais que um dado biológico, é um constructo historicamente codificado que orienta o desempenho dos

¹⁰ WALDMAN, 2014, p. 11.

¹¹ Em *Rumo ao farol*, a Sra. Ramsay é apresentada como tendo aproximadamente 50 anos. Em *No exílio*, considera-se que Marim, em 1905, tinha entre 20 e 25 anos.

¹² SOUSA; GUEDES, 2016, s./p.



papéis sociais. Assim, numa sociedade patriarcal, cabe ao homem a realização das tarefas “importantes”, seu território é o exterior, é o mundo. Como o universo feminino é o interior, a casa, é seu dever administrar o lar e cooperar para o sucesso do homem, providenciando a infraestrutura necessária, ocupando-se com pequenas ninharias que constroem o cotidiano, a fim de que o companheiro tenha o suporte adequado para que possa cumprir sua missão.¹³

Considerando a conduta da Sra. Ramsay em *Rumo a farol*, percebe-se que ela se ajusta ao postulado apresentado. A cena de abertura do romance mostra uma mulher absorvida pelas demandas domésticas, tecendo uma meia marrom para ser doada ao filho do pobre faroleiro. Simultaneamente, ela se ocupa em entreter seu filho pequeno, protegendo-o da cáustica personalidade paterna, e supervisionando a sua atividade lúdica. Em *continuum*, orienta os afazeres dos empregados, ao passo que garante hospitalidade aos seus convidados. Ademais, entremeados às suas tarefas, residem o zelo pelos livros do marido e o lamento por não restar tempo para ela própria dedicar-se à leitura.

Ao observar essa personagem, o leitor se depara, portanto, com o cotidiano de uma mulher que precisa negligenciar e abdicar das suas vontades visando cumprir o seu papel social. Tanto é dessa forma que a atuação da Sra. Ramsay se percebe com mais contundência mais pela falta do que pela presença. No capítulo “O tempo passa”, em que a degradação da casa litorânea é descrita em detalhes, a ausência da Sra. Ramsay desvela um caos instalado após a sua partida e, também, em consequência da guerra, uma vez que o desaparecimento da mulher levou consigo o esforço que ela dispndia para que aquele lugar se mantivesse habitável aos seus, e não surgiram substitutos para essa função.

A situação de Marim, em *No exílio*, por sua vez, é significativamente diferente daquela que se apresenta à Sra. Ramsay. À sua condição feminina, soma-se o fato de ela integrar a comunidade judaica europeia em um momento histórico dramático aos indivíduos dessa etnia.

Conforme a história registra, o povo judeu foi vítima de preconceitos e de perseguições em várias épocas, e disso derivaram estereótipos atribuídos a eles, como errantes, agiotas, hereges, entre outros.¹⁴ O contexto de onde a família Lispector partiu assume particular complexidade, uma vez que a comunidade judaica, além da perseguição étnica, estava em meio aos efeitos da tensão envolvendo os vencidos e os vencedores da Revolução Russa.

Para Berta Waldman:

¹³ ZINANI, 2014, p. 310.

¹⁴ ZILBERMAN em SCLIAR, 2017, p. 13.



Os ecos da Revolução de 1917 soavam em dupla direção: de um lado, os “vermelhos” tentavam vencer as dificuldades da fome, de outro, os “brancos” procuravam sufocar a revolução e promoviam *pogroms*, isto é, violentas perseguições aos judeus, com estupros, saques, assassinatos pelos territórios que iam ocupando. Tendo sido obrigados a abandonar Moscou, dominada pelos comunistas, os “brancos” alojam-se na Ucrânia, tornando-a inóspita aos judeus. Assim, com a Revolução bolchevique, a situação continua difícil para os judeus perseguidos por um antissemitismo ancestral, submetidos a massacres e humilhações de toda ordem.¹⁵

No enredo de *No exílio*, a impotência dos judeus diante da barbárie empregada pelos *pogroms* é ilustrada em diferentes momentos. Particularmente no caso de Marim, a violência é sentida de diversas formas. Em primeiro plano, pelo medo diante das notícias de aproximação dos “brancos” e da sua vulnerabilidade perante eles. Em seguida, pelo terror face à infelicidade de ter a própria vila invadida pelos “brancos”. Nessa ocasião, com Pinkas em viagem, “Era, pois, a ela [Marim] que cabia agir para salvar as filhas, e as mulheres e crianças que se haviam refugiado em sua casa”.¹⁶ Marim, no impulso de impedir que um mal acometesse os entes sob a sua proteção, lança-se à rua e pede clemência aos milicianos. Em seguida, ela é vítima de um estupro.

As cenas apresentadas na progressão desse episódio ilustram uma realidade que não é menos cruel do que a violência sexual. Marim se depara com uma mulher embalando o corpo de uma criança ensanguentada, bem como com caminhonetes carregadas de cadáveres de judeus exterminados. Em meio a esse horizonte de barbárie, ela retorna à casa demonstrando força e serenidade suficientes para tranquilizar e consolar as filhas.

Enquanto os Lispector ainda estavam na Europa, percebem-se preocupações distintas por parte de Pinkas e de Marim, afora a luta diária pela sobrevivência perante as agressivas investidas antissemitas. Da parte de Pinkas, a inquietude se dá em relação à sua condição de provedor. Os fantasmas que o assombram, bem como os projetos para a resolução dos seus problemas, passam pelo trabalho.

No momento em que decide migrar, Pinkas se mostra disposto a exercer faina de qualquer natureza no destino: “Lá aprenderei um ofício qualquer, trabalharei em portos, canais, revolverei lama, carregarei pedras, mas lá, não aqui”.¹⁷ Portanto, para

¹⁵ WALDMAN, 2014, p. 11.

¹⁶ LISPECTOR, 2005, p. 34.

¹⁷ LISPECTOR, 2005, p. 52.



aquele homem, era como se o labor, por si só, fosse um bálsamo capaz de extinguir os seus anseios.

De outra parte, nota-se em Marim uma desorientação de fundo mais complexo, uma vez que, desprovida de casa, a sua função social, segundo os moldes do seu tempo, esvaía-se, e isso lhe causava sofrimento: “[...] O que lhe doía de cortar o coração era ver as crianças com fome, e ninguém sabia quando aquilo terminaria. Ah, como já quisera poder distender o corpo sobre uma cama com colchão e lençóis lavados, e cobertas quentes. E ter pão para as crianças”.¹⁸

Pouco antes de se decidirem pela partida para a América do Sul, os Lispector conseguem retornar para uma última e breve temporada em sua casa de origem. Nessa passagem, percebe-se o zelo de Marim diante das ruínas em que o lugar se transformara: “[...] Marim movimentava-se em simulada faina. Limpava, espanava, tirava e repunha objetos repetidas vezes nos mesmos lugares. Parecia um fantasma flutuando entre as paredes despidas e os móveis nus”.¹⁹

Mais adiante, a ligação de Marim mais intensa com o lar do que com a terra natal deixa claro o quanto aquela propriedade era entendida como uma das bases à sua existência: “Marim, vagando pelos aposentos, despedindo-se dos lugares e dos objetos. O alpendre, onde tomavam chá no verão; os móveis trazidos pelo marido de Kiev”.²⁰

Essas passagens exemplificam como as referências de Marim estavam apoiadas no lar e, conseqüentemente, no universo que circunda o ambiente familiar. Conforme a função socialmente estabelecida a ela, era a Marim que cabia cuidar dos filhos e garantir um ambiente seguro e confortável o suficiente para que o seu marido pudesse ir em busca do sustento da família. Ou seja, distanciando-se de sua casa, na condição de refugiada, praticamente lhe era amputada a função social. Os reflexos da necessidade imperativa de ela se desvencilhar da sua casa, portanto, extrapolam a dimensão das necessidades básicas de conforto e segurança, culminando no questionamento sobre a utilidade da sua existência.

5 Necessidades da alma

Em a *Condição humana*, de Hannah Arendt, publicado em 1958, a filósofa chamou a atenção para um fenômeno que iria se confirmar décadas adiante da publicação do seu texto, o que se associa à inter-relação entre o universo capitalista e o trabalho. Para Arendt, “A era moderna trouxe consigo a glorificação do trabalho”.²¹ Diante da iminente substituição da força humana por máquinas, Hannah Arendt prognosticou

¹⁸ LISPECTOR, p. 43.

¹⁹ LISPECTOR, 2005, p. 48.

²⁰ LISPECTOR, 2005, p. 52.

²¹ ARENDT, 2007, p. 13.



um horizonte nebuloso: “uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única atividade que lhes resta. Certamente nada poderia ser pior”.²²

Ao transferir essas reflexões para a análise dos romances em questão, compreende-se que o dilema da ausência de trabalho/ocupação não esteve no centro das preocupações dos Ramsay, uma vez que, enquanto viva, a Sra. Ramsay pôde cumprir o papel social que lhe foi designado, bem como manter uma infraestrutura para que seu marido, professor, também o fizesse. Com casa e família estruturadas seguindo os padrões ideais de sua época, ela não tinha tempo para realizar as próprias leituras, mas nem por isso deixou de encontrar condições para refletir sobre a própria função social e, por extensão, pensar acerca do lugar da mulher no início do século XX.

No caso dos Lispector, entretanto, a análise aponta para outras direções, tendo em vista que eles representam uma etnia historicamente perseguida. Em “O judeu como pária”, Hannah Arendt chama a atenção para o fato de o entendimento acerca dos judeus na Europa ultrapassar o caráter de oprimido, configurando-se como um povo pária.²³ “Em sua posição mesma de párias sociais, esses homens refletem o *status* político de todo seu povo”,²⁴ e esses postulados se aplicam aos Lispector.

No contexto conflituoso de onde eles partiram, juntam-se aos judeus que serviram de bode expiatório diante dos atos bárbaros que se seguiram à Revolução Russa. Como exemplificado por Arendt por intermédio de personagens de Chaplin,²⁵ os Lispector foram sentenciados culpados por pertencerem a uma determinada etnia. Em seguida, foram punidos severamente por algo que escapava às suas responsabilidades e ao seu entendimento.

Gradativamente, perderam o direito de usufruir de estruturas que Simone Weil denominou necessidades essenciais da alma, das quais, para este artigo, são mais relevantes a segurança, a propriedade privada e o enraizamento.²⁶

Para Weil, a segurança é uma necessidade essencial da alma, e se caracteriza pela ausência do medo e do terror como estado de alma duradouro, uma vez que esses sentimentos são venenos quase mortais, “quer a causa seja a possibilidade do desemprego, ou a repressão policial, ou a presença de um conquistador estrangeiro, ou a espera de uma invasão provável, ou qualquer outra desgraça que pareça ultrapassar as forças humanas”.²⁷

²² ARENDT, 2007, p. 13.

²³ ARENDT, 2016, p. 494.

²⁴ ARENDT, 2016, p. 495.

²⁵ ARENDT, 2016, p. 510.

²⁶ WEIL, 2011, p. 35.

²⁷ WEIL, 2011, p. 35.



Outra necessidade sonhada aos judeus, e sempre considerando o exemplo dos Lispector, diz respeito à propriedade privada, definida com estas palavras:

A propriedade privada é uma necessidade vital da alma. A alma fica isolada, perdida, se não estiver no meio de objetos que sejam para ela como um prolongamento dos membros do corpo. Todo homem é invencivelmente levado a se apropriar pelo pensamento de tudo o que usou por muito tempo e continuamente para o trabalho, o prazer ou as necessidades da vida.²⁸

Por fim, a necessidade classificada como primordial:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente.²⁹

Ao acompanhar a trajetória dos Lispector, percebe-se que o grupo vivenciou a perda da segurança, da propriedade e enfrentou o desenraizamento. No caso de Marim, talvez as consequências dessa vitimização tenham sido ainda mais irreversíveis do que aos seus familiares.

Para se ter uma ideia do contraste entre o início e o fim de sua vida de casada, em tempos de estabilidade, reservados apenas à memória depois dos ataques dos *pogroms*, era este o panorama que Pinkas encontrava ao retornar de suas viagens profissionais: “[...] Ao voltar encontrava o lar calmo, aprazível, as crianças limpas, bem trajadas, e Marim vinha-lhe ao encontro com um sorriso nos lábios e uma graça sempre nova”.³⁰

Por outro lado, a partir do momento em que os judeus ucranianos foram apontados como um povo a ser exterminado, nem de longe cenas como essa se repetiram, e isso se estendeu à temporada em que viveram no Brasil.

Para além da sonhada da sua propriedade, ela teve arrancadas as suas bases. A cada episódio descrevendo a necessidade de ela se desfazer de algum pertence, seja

²⁸ WEIL, 2011, p. 35.

²⁹ WEIL, 2011, p. 43.

³⁰ LISPECTOR, 2005, p. 28.



em troca de comida, seja nas recorrentes extorsões para poder cruzar fronteiras, percebe-se o esvaziamento da sua identidade. Agregados aos objetos, esvaíam-se os seus referenciais.

Como se fosse pouco, ao atravessar o oceano, ela se viu já muito debilitada pela doença que lhe tiraria a vida lentamente, deixando para trás as suas raízes, o sentimento de coletividade que alimentava junto à comunidade judaica da Ucrânia, condenada a viver seus últimos dias em um meio ao qual não pertencia.

Considerações finais

Importa registrar que não é objetivo deste estudo aproximar personagens situando-as em um paralelo em que o resultado das reflexões levem a enquadrá-las em uma escala quantitativa de sofrimento. As dores individuais jamais podem ser mensuradas ou comparadas, uma vez que são subjetivas e têm a amplitude que quem as experimenta determina, não admitindo ser classificadas a partir de um olhar externo.

Entretanto, observar as duas personagens em cotejo permite refletir sobre a forma como um evento bélico pode afetar as pessoas de formas variadas, estando elas no centro do conflito, como no caso de Marim, ou em posição um pouco mais tangente, como se passa com a Sra. Ramsay.

A matriarca britânica expirou antes de saber que perderia um filho na guerra, e na narrativa a menção à partida de Andrews é concisa. Além disso, os efeitos da guerra são apresentados de forma indireta, como no discurso da Sra. McNab, empregada que alude ao assustador aumento nos custos de vida em decorrência do conflito. À lacuna pela partida da Sra. Ramsay, uniu-se a recessão não rara às nações em combate.

Todavia, além da dor de perder um filho, ainda que as palavras que compõem *Rumo ao farol* não assinalem, o ambiente familiar dos Ramsay não sofreu a invasão registrada na história de Marim Lispector. Afora os temores comuns às sociedades envolvidas em guerras, ao que tudo indica, a propriedade da matriarca britânica esteve preservada. Particularmente a propósito da casa de veraneio, a degradação do lugar se deu pelo trabalho do tempo, mas os objetos, que contêm e simbolizam memórias afetivas, estavam lá. Ou seja, a Sra. Ramsay poderia acessá-los livremente caso não tivesse expirado.

Em contrapartida, no caso de Marim, além dos conflitos (e de seus desdobramentos) – Revolução Russa e Primeira Guerra Mundial – sobre os seus ombros pesava o fato de ela integrar a comunidade judaica. Portanto, pertencia àquela etnia que foi posta no centro da perseguição que culminou no Holocausto.

Conforme se explicita no enredo de *No exílio*, de mãe de família fiel às tradições judaicas, Marim converteu-se em pária perante aqueles que deveriam entendê-la



como compatriota. Tornou-se uma refugiada e personificou as palavras de Arendt,³¹ ou seja, perdeu o seu lar, o que significa a familiaridade de uma vida cotidiana; perdeu sua ocupação, o que significa a confiança de ter alguma utilidade neste mundo; e perdeu sua língua, o que significa a naturalidade das reações, a simplicidade dos gestos e a expressão espontânea dos sentimentos.

Referências

ABDALA Jr. Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef (Org.). *Clarice Lispector*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ARENDR, Hannah. O judeu como pária, uma tradição oculta. In: _____. *Escritos judaicos*. Trad. Laura Degaspere Monte Gasparo; Luciana Garcia de Oliveira; Thiago Dias da Silva. Barueri: Manole, 2016. p. 493–523.

ARENDR, Hannah. Nós, refugiados. In: _____. *Escritos judaicos*. Trad. Laura Degaspere Monte Gasparo; Luciana Garcia de Oliveira; Thiago Dias da Silva. Barueri: Manole, 2016. p. 477–492.

ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 1994.

AUERBACH, Erich. A meia marrom. In: AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 471–498.

BELL, Quentin. *Virginia Woolf: uma biografia*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma vos autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 11–55.

NICOLSON, Nigel. Virginia Woolf. *The New York Times*. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/first/n/nicolson-woolf.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SCLIAR, Moacyr. *A nossa frágil condição humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

³¹ ARENDR, 2016, p. 478.



SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 30 n. 87, maio-ago., 2016. Disponível em: <www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123>. Acesso em: 20 dez. 2017.

WALDMAN, Berta. Clarice e Elisa Lispector: caminhos divergentes. *Webmosaica*. v. 6, n. 1, Jan.-Jun., 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/50394>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2011.

WOOLF, Virginia. *Rumo ao farol*. Trad. Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Globo, 2003.

ZILBERMAN, Regina. O olhar mágico de Moacyr Scliar. In: SCLIAR, Moacyr. *A nossa frágil condição humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 9-21.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Escrita e leitura: o gênero em questão. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Org.). *Da tessitura ao texto: percursos de crítica feminista*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

Recebido em: 12/04/2018.

Aprovado em: 01/05/2018.